

Desigualdade ameaça oportunidades de educação de milhões de crianças

Paris, 25 de novembro – A incapacidade de governos do mundo inteiro de combater profundas e persistentes desigualdades na educação condena milhões de crianças a uma vida de pobreza e de oportunidades reduzidas, afirma relatório publicado hoje, pela UNESCO.

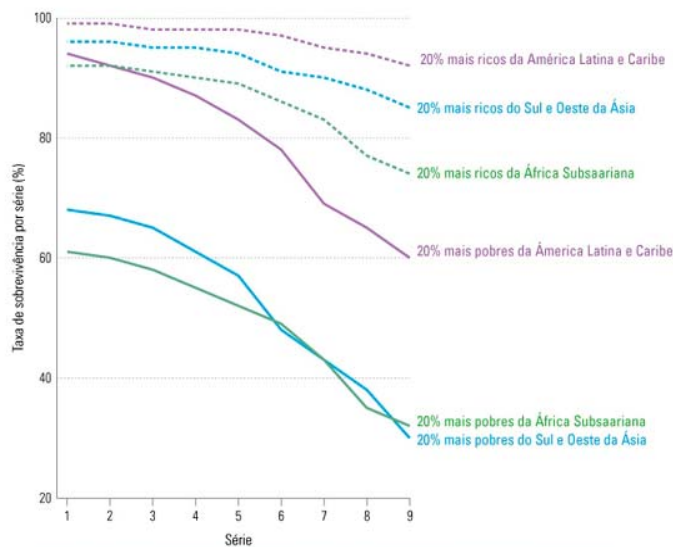
Além de responsabilizar uma combinação de indiferença política, fracas políticas nacionais e a falta de ação de doadores em compromissos assumidos, o Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos – *Superando a desigualdade: por que a governança é importante* alerta que ‘inaceitáveis’ disparidades educacionais globais e nacionais ameaçam esforços direcionados a alcançar as metas de desenvolvimento internacional.

“Quando há uma falência nos sistemas financeiros, as conseqüências são muito visíveis e os governos agem,” comentou o Diretor-Geral da UNESCO Koichiro Matsuura. “Quando há uma falência nos sistemas educacionais, as conseqüências são menos visíveis, mas não menos reais. As oportunidades de educação desiguais alimentam a pobreza, a fome, a mortalidade infantil e reduzem as possibilidades de crescimento econômico. É por isso que governos precisam agir com um maior sentido de urgência.”

O relatório da UNESCO trata do que considera uma “grande lacuna” nas oportunidades educacionais que separam países ricos e pobres. É observado que:

- uma em cada três crianças em países em desenvolvimento (193 milhões no total) chegam na faixa etária adequada à educação primária com seu desenvolvimento cerebral e perspectivas de aprendizagem prejudicadas pela desnutrição – um número que passa de 40% em partes do Sul da Ásia. Grande crescimento econômico *em alguns países* fez pouco em relação à redução da desnutrição, o que colocou as políticas públicas atuais em xeque.
- 75 milhões de crianças dentro da faixa etária da educação primária não freqüentam a escola, incluindo um pouco menos de um terço do grupo de faixa etária adequada na África Subsaariana.
- enquanto que mais de um terço de crianças em países ricos concluem o ensino superior, na maior parte da África Subsaariana uma parcela ainda menor conclui a educação primária e somente 15% freqüentam a universidade.

Figura 1. Última série concluída entre alunos de 10 a 19 anos na América Latina e Caribe, África Subsaariana e Sul e Oeste da Ásia, 2000/2006



1- Dados do ano mais recente disponível durante o período especificado
 Fonte: ver figura 1.2 do Relatório de Monitoramento Global do EPT 2009

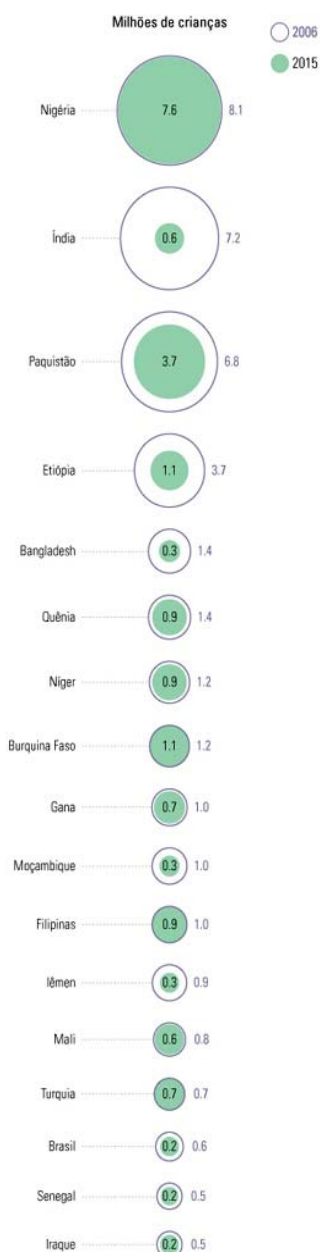
As disparidades nacionais servem como um espelho das desigualdades globais. Crianças pertencentes aos 20% mais pobres de países como a Etiópia, Mali e Níger têm três vezes menos chances de freqüentarem uma escola primária do que crianças que fazem parte dos 20% mais ricos. No Peru e nas Filipinas, crianças que pertencem aos 20% mais pobres da população recebem 5 anos menos de educação do que crianças de famílias mais ricas.

Renda não é o único indicador de desvantagem. Meninas também são negligenciadas na educação. As diferenças nas matrículas entre gêneros permanecem grandes em muitas partes do Sul da Ásia e a África Subsaariana. Desvantagens baseadas no idioma, raça, etnia e diferenças urbano-rurais também permanecem profundamente enraizadas. No Senegal, crianças em áreas urbanas têm duas vezes mais chances de freqüentarem a escola do que as que vivem em áreas rurais.

Segundo os autores do relatório, “as circunstâncias nas quais crianças nascem, seu gênero, a situação econômica dos seus pais, seu idioma e raça não deveriam definir as suas oportunidades educacionais”.

Metas não alcançadas

Figura 4. Estimativa de crianças fora da escola, 2006, e projeções para 2015, por país selecionado



1. Países incluídos quando as informações disponíveis indicam que tinham mais de 500.000 crianças fora da escola em 2006.
Fonte: Tabela 2.5 do Relatório de Monitoramento Global do EPT 2009.

O relatório anual da UNESCO fornece uma análise detalhada do progresso em relação a objetivos chaves de educação, incluindo desenvolvimento na primeira infância, educação primária universal, igualdade de gênero, alfabetização e educação de qualidade. Mesmo que avanços importantes tenham sido percebidos em alguns dos países mais pobres do mundo, o relatório alerta que se ações drásticas não forem tomadas muitas metas não serão alcançadas – em alguns casos, por margens significativas.

No caso da educação primária universal, o relatório documenta algumas melhorias expressivas nos desempenhos nacionais e regionais. A África Subsaariana e o Oeste da Ásia aumentaram suas taxas de matrícula de forma significativa desde 1999. A Tanzânia e a Etiópia reduziram em mais de 3 milhões o número de crianças fora da escola. Apesar de um conflito civil prolongado, o Nepal registrou avanços importantes e em uma região marcada por profundas desigualdades de gênero, Bangladesh tem o mesmo número de meninas e meninos na educação secundária.

A má notícia é que o mundo não está no caminho certo para que a meta de desenvolvimento da educação primária universal seja atingida até 2015.

De acordo com projeções parciais, pelo menos 29 milhões de pessoas ainda estarão fora da escola em 2015. Esse número, porém, é subestimado – não são incluídos países afetados por conflitos como o Sudão e a República Democrática do Congo. Outros dados presentes no relatório estimam que:

- a Nigéria terá 7,6 milhões de crianças fora da escola em 2015; o Paquistão, 3,7 milhões. “Ambos os países sofrem de governança fraca e altos níveis de desigualdade financeira e de investimento,” aponta o relatório. O Paquistão ainda matricula 80 meninas para cada 100 meninos.
- Na Etiópia e em Burquina Faso haverá mais de um milhão de crianças fora da escola em 2015.
- No total, 12 países terão mais de meio milhão de crianças fora da escola em 2015.

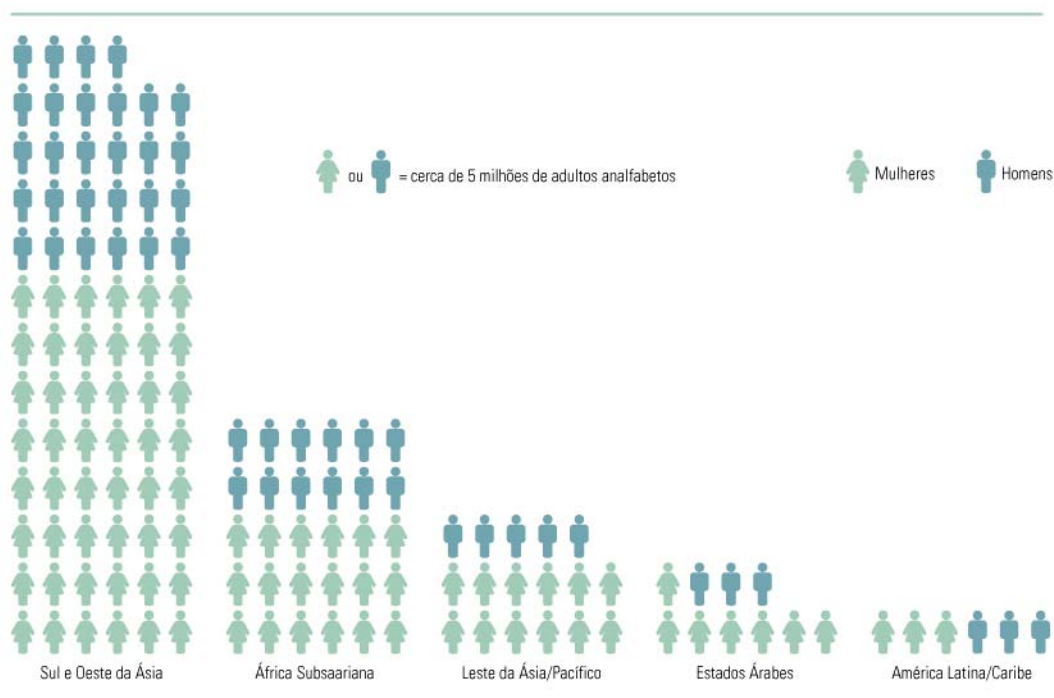
O Relatório da UNESCO informa que os números para crianças fora da escola são um barômetro parcial da escala do desafio. Milhões de crianças começam a freqüentar a escola, mas desistem antes de concluir a educação primária. Mais ainda, avaliações de aprendizagem documentam o fracasso dos sistemas escolares em relação à educação de qualidade – muitas crianças estão terminando a escola sem adquirir as mais básicas habilidades de alfabetização e de domínio de números.

- 60% ou mais dos alunos das escolas secundárias no Brasil, Indonésia e Tunísia pontuam nas classificações mais baixas em avaliações internacionais de ciências.
- Uma avaliação na Índia descobriu que pouco menos da metade dos alunos da 3º série conseguem ler um texto para alunos da 1º série.

Lidar com esses déficits requer reformas abrangentes e aumento de investimentos. Sistemas escolares em muitos países apresentam subfinanciamento crônico, assim como poucos recursos. Somente na África Subsaariana, 3,8 milhões de professores precisam ser contratados até 2015 para que a educação primária universal seja atingida.

Além dos déficits atuais nas escolas, o relatório da UNESCO revela um grande atraso: cerca de 776 milhões de adultos – 16% da população mundial – não possuem alfabetização básica. Dois terços são mulheres. Baseado nas tendências atuais, ainda haverá mais de 700 milhões de adultos analfabetos em 2015.

Figura 6. Projeção de números de adultos analfabetos (mais de 15 anos), por gênero e região, 2015



Políticas para o fortalecimento da equidade

Superando a desigualdade: por que a governança é importante estabelece uma abrangente agenda para reforma. A mensagem central é que os governos precisam dar maior prioridade à justiça e à equidade social. “Se os governos tratam com seriedade o compromisso Educação para Todos, eles devem ser mais sérios no combate à desigualdade,” declara Matsuura.

Com base na experiência internacional, o relatório identifica uma gama de políticas para remediar a desigualdade extrema. As medidas incluem gratuidade na educação básica, aumento no investimento público, incentivos para meninas e grupos marginalizados e um compromisso fortalecido com a educação de qualidade. De forma oposta, a descentralização tem alargado as desigualdades ao reforçar as lacunas financeiras entre regiões ricas e pobres.

O relatório cita um exemplo motivador registrado na América Latina. Vários países na região introduziram programas de transferência de dinheiro para domicílios de baixa renda, com pagamentos condicionados a frequência escolar e visitas ao médico. O programa *Oportunidades*, do México, um dos maiores deles, está sendo implementado atualmente em uma experiência-piloto em Nova York.

Os autores do relatório são críticos das abordagens atuais sobre reformas na governança educacional. Eles alertam contra a exportação para países em desenvolvimento daquilo que consideram “desenhos de governança” elaborados para países ricos. O documento também questiona políticas destinadas a aumentar a participação do setor privado para compensar falhas na atuação do Estado. “Embora a iniciativa privada tenha um papel a desempenhar em algumas áreas, investimentos públicos eficazes e acessíveis são o verdadeiro sustentáculo com o Educação para Todos”, afirma o coordenador do relatório, Kevin Watkins. “Se o sistema público está quebrado, os governos precisam consertá-lo.”

Ajuda – doadores voltam atrás em seus compromissos

O relatório da UNESCO acusa a comunidade doadora de uma “falência coletiva” no cumprimento dos compromissos assumidos.

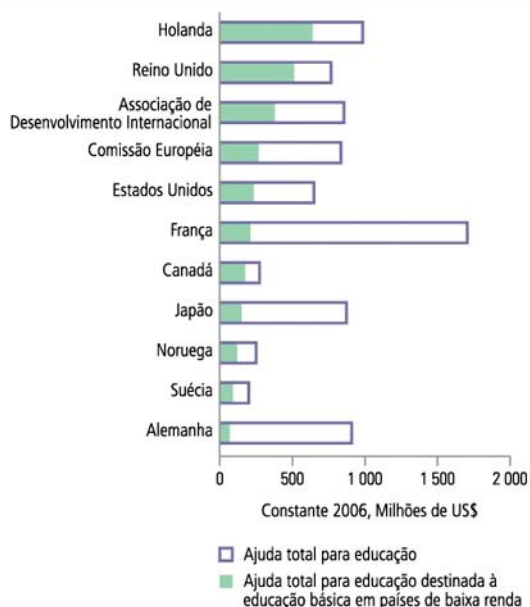
Em uma estimativa conservadora, o relatório calcula que a lacuna financeira de ajuda para que a educação básica seja atingida até 2015 é de cerca de US\$ 7 bilhões anuais. “Esses grandes déficits estão atrasando o avanço do processo” diz o relatório.

Embora os doadores participantes da Cúpula da ONU sobre os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio de 2008 tenham feito declarações encorajadoras, as tendências atuais de ajuda apontam para um horizonte preocupante:

- Em 2005, os doadores prometeram aumentar a ajuda em US\$ 50 bilhões até 2010. Os atuais compromissos de doação, contudo, apontam para uma redução de US\$ 30 bilhões que impedirá o cumprimento da promessa, sendo quase metade desse total na África Subsaariana.
- Os anúncios de ajuda para a educação básica se estagnaram desde 2004, o que põe em risco os compromissos de financiamento de médio prazo.
- Segundo o relatório, a Iniciativa *Fast Track*, arcabouço de ajuda multilateral que apóia o Educação para Todos, não está alcançando as expectativas. O apoio inadequado de doadores significa que países com planos aprovados enfrentarão uma deficiência na Iniciativa *Fast Track* de US\$ 2,2 bilhões até 2010.

“Se os doadores estão de fato comprometidos com suas promessas para educação, eles não podem continuar, nos próximos anos, com esse comportamento abaixo do esperado”, comenta o relatório.

Figura 11. Prioridade para países de baixa renda e educação básica, principais doadores e compromissos, média anual 2005/2006



Fonte: Baseado na figura 4.13 do Relatório de Monitoramento Global do EPT 2009

Os autores do relatório também são altamente críticos sobre a prática de alguns doadores de cortar orçamentos de ajuda para a educação superior. Enquanto países como Holanda e Reino Unido alocam quase 60% de suas doações para a educação básica em países de baixa renda, outros adotam prioridades diferentes. A França destina à educação básica dos países de baixa renda 12% do total de sua assistência ao desenvolvimento da educação. A Alemanha, somente 7%.

“Ambos os países priorizam subsidiar a frequência em suas universidades em vez de apoiar a educação básica em países de baixa renda”, identifica o relatório.

O relatório também encoraja os Estados Unidos e o Japão a investirem uma maior parcela de suas rendas nacionais em doações.

O relatório completo está disponível online no: www.unesco.org/education/gmr2009/press
Login e senha: gmr2009

Um b-roll também está disponível.
Favor entrar em contato com Carole Darmouni,
UNESCO Bureau of Public Information,
tel: +33 1 45 68 17 38; c.darmouni@unesco.org

Para maiores informações ou entrevistas:
Agnes Bardon
UNESCO Bureau of Public Information
Tel: +33 1 45 68 17 64; a.bardon@unesco.org
Ou
Sue Williams
UNESCO Bureau of Public Information
Tel: +33 1 45 68 17 06; s.williams@unesco.org